

Vampiro



O Príncipe & a Dama

Vampiro
O Príncipe e a Dama

Criado por
Mestres & jogadores 2025
Autor e escritor: Júlio silva

Todos os direitos reservados

Aviso de conteúdo adulto

Este livro é um conto romântico baseado em mitos e seres apenas do mundo NÃO real, nada além do que está escrito aqui pode ou deve ser usado para o cotidiano. Todos os personagens são apenas imaginários. Lembre-se a leitura é apenas uma forma educacional para o crescimento.

“Não escolhi estar onde estou, mas me escolheram para viver e ser o que sou”

“Quero que toque piano para mim por toda eternidade, sinto em sua alma um desejo imenso de viver uma outra vida que não seja essa”.

Dedicatória

“Dedico este livro a todos amantes do mundo do RPG, que vivem uma sinfonia de palavras, grandes aventuras vampíricas em um mundo de fantasia e também aos que apreciam uma bela leitura romântica gótica vampírica. Meu muito obrigado!”

Índice

<i>Prefácio</i> -----	<i>Página</i> 06
<i>Enquanto eu tocava</i> -----	<i>Página</i> 07
<i>Um doce convite</i> -----	<i>Página</i> 18
<i>Uma suave presa</i> -----	<i>Página</i> 30
<i>Um novo dia</i> -----	<i>Página</i> 39
<i>Não somos imortais</i> -----	<i>Página</i> 51
<i>A fúria de Eliza</i> -----	<i>Página</i> 63
<i>Um vampiro, um professor</i> -----	<i>Página</i> 77
<i>Um doce beijo</i> -----	<i>Página</i> 90
<i>O despertar da besta</i> -----	<i>Página</i> 110
<i>Uma escolha, uma perda</i> -----	<i>Página</i> 126
<i>Um plano quase perfeito</i> -----	<i>Página</i> 143
<i>O castigo da eternidade</i> -----	<i>Página</i> 160

Prefácio

“**S**e eu tiver que viver a eternidade ao seu lado, eu viveria, se eu tiver que passar por todas as trevas que você passou, passarei, apenas para caminhar ao seu lado, mesmo que seja nas sombras”.

Muito se fala sobre mitos e seres sobrenaturais há milhares de anos, desde a idade média até o presente momento. A palavra ‘Vampiro’, tem origem ocidental do século XVIII que se popularizou em diversas culturas em volta do mundo. Um ser que se alimentava do sangue para sua sobrevivência. Diversos livros, filmes e até mesmo teatros, apresentaram ao longo dos anos inúmeras obras sobre este tema mitológico. Nesta obra, o escritor e autor Júlio Silva, inspirado nestes mitos e histórias, descreve sua primeira obra de romance gótico. Onde o personagem Christopher, um jovem amante da música, que vive em uma pacata e pequena cidade do século XIX, percebe a presença de uma linda dama no pub no qual faz suas apresentações. Mas mal sabe ele o que realmente o espera. Embarque nessa leitura e tenha um final surpreendente.

Enquanto eu tocava

Tudo começou no ano de 1898, eu era jovem com apenas vinte e poucos anos, gostava de ajudar meu pai em seu pub localizado em uma pequena cidade, com grandes catedrais, parques e ruas estreitas sempre com estátuas em nossa volta, lembrando diversos homens e mulheres que lutaram durante guerras ou que foram heróis em algum momento de suas vidas. Na maioria do ano sempre estava frio ou chovendo, isso de certa forma transformava essa cidade em um lugar sombrio e muitos partiam em navios rumo ao norte para nunca mais voltar. Todas as noites nosso pub ficava cheio e havia muito trabalho a se fazer, quase não tinha tempo de aproveitar a vida com outras coisas ou me divertir. Mas a minha maior paixão e o que eu mais gostava era de tocar piano, principalmente as sextas e sábado onde o pub estava sempre com belas

mulheres e homens que aproveitavam a bebida e uma boa música tocada por mim. Claro!

Certa noite quando me prepara para fazer minha pequena apresentação diante de um público razoável, me deparei com uma linda dama que entrara pela primeira vez em nosso pub, ela usava um vestido vermelho chamativo, deixando a mostra suas belas curvas, seus cabelos eram longos, pretos e seus olhos vermelhos iguais ao seu próprio vestido, sua boca convidava a imaginação ir longe, lembro também que usava luvas e seu rosto era pálido como o branco do geado que surgia sempre ao amanhecer em minhas janelas.

Encantado com a sua beleza, por pouco não derrubo um copo cheio de bebida em um dos nossos clientes, na verdade um velho conhecido; mas ele estava tão embriagado que talvez nem iria perceber minha ação desajeitada.

Suspirei enquanto aquela dama se sentava ao fundo do nosso pub onde havia pouca luz iluminando sua presença.

Entrei no pequeno palco de onde meu piano ficava e agradecendo gentilmente a todos os cavalheiros e damas que ali estavam, comecei minha apresentação.

Durante cerca de uma hora toquei algumas músicas e quando me levantei para agradecer as palmas que me eram dadas, olhei para aquele lugar inesperadamente estava vazio. Por um momento pensei que não havia ninguém e sim aquela linda dama era apenas fruto da minha imaginação e do meu nervosismo que sempre tinha ao iniciar uma noite de música. Pois não era possível ninguém sair do pub sem antes passar por trás do palco. Certamente eu a teria visto.

Caminhei até o fundo após o término e chegando em sua mesa, percebi que a cadeira estava puxada, os copos com bebidas ainda estava sobre a mesa, mas ainda sim pensava ser minha imaginação, pois como uma linda dama que parecia ser da nobreza estava em nosso pub?

Essa pergunta me veio à cabeça. Outras noites vieram, músicas foram tocadas, outras semanas e assim por mais

alguns meses sem sequer ter sinal daquela estranha e bela dama.

Algumas semanas se passaram e já não me lembrava mais daquele episódio, mas o improvável aconteceu. Em uma certa noite quando caminhava até o rio, de onde iria encher alguns baldes de água para lavar todas as louças do nosso pub, já que era uma das minhas obrigações, além de tocar para atrair clientes, atender mesas e demais afazeres. Ouço uma voz doce em forma de melodia.

– Boa noite meu jovem músico!

Meu corpo esfriou, meus olhos com um ar de medo e ao mesmo tempo um desejo insano de não parar de olhar para aquela bela dama que novamente estava em minha frente, joguei um dos baldes no chão de onde a água descera novamente para o rio. Sem conseguir me mover apenas respondi com um tom medonho.

- Boa noite. O que uma dama como vossa senhorita faz aqui neste lugar?

Falei meio gaguejando...

Ela começou a dar pequenos passos rumo a minha pessoa e olhando fixamente para mim, me deixou hipnotizado quando de repente estava suspirando e sem sentir aquelas mãos frias em meu pescoço me segurando firme disse:

- Quero que toque piano para mim por toda eternidade, sinto em sua alma um desejo imenso de viver uma outra vida que não seja essa.

Ao final da frase ela simplesmente jogou o balde longe como se fosse uma pedrinha e novamente meu corpo voltara a tremer.

- Está tudo bem aí meu filho?

Gritou meu pai de longe ao me ver parado olhando para o nada.

Quando olhei para responde-lo no qual se aproximava, em questão de segundos ela tinha desaparecido da minha frente. O que era aquela mulher? Será que estou ficando doido?

Voltei a me perguntar. 'Será que estou ficando doido'? e naquele momento talvez eu estaria tendo um surto psicótico já que meus antecedentes morreram com aquela terrível doença que nos causa alucinação e isso poderia estar passando para minha vida.

Meu pai se aproximou e me ajudando finalizamos o enchimento dos baldes.

Eram tantas perguntas e medo que aumentavam a cada noite que me lembrava daquela cena. Voltei ao rio e nada aconteceu no dia seguinte, voltei a tocar e também nada da presença daquela linda e medonha dama.

Mais uma semana se passara e enquanto eu dormia ou enquanto eu trabalhava pensava loucamente naquela frase dita por ela, afinal eu realmente não sabia o que era ter uma

bela e boa vida ou simplesmente aproveita-la de maneira melhor.

“Quero que toque piano para mim por toda eternidade, sinto em sua alma um desejo imenso de viver uma outra vida que não seja essa”.

Mais um mês se passara e justamente no dia em que eu completava mais um ano de vida, teria uma grande festa dada pelo meu pai e uma grande apresentação no velho teatro onde montamos um pequeno palco para minha apresentação e algumas outras naquela noite. O público chegava mesmo com a chuva fina que não parava de cair, aquela noite sombria, as poucas luzes da rua iluminava a entrada do teatro, algumas pessoas corriam em busca de abrigo, a neblina tampava o sino da catedral que tocava informando que já eram dezenove horas, minhas mãos já estavam frias e mesmo assim parecia que seria uma noite linda e tranquila para mim e aqueles que ali estariam.

Lembro que era cerca de mais de cinquenta pessoas, um público que eu nunca antes tinha tocado, pois em minhas noites de apresentação no pub de meu pai, sempre podia contar em meus dedos quantos rostos ali estavam e as vezes sempre os mesmos.

Ali me encontrava nervoso, como sempre, quando iria tocar e ainda mais tenso por pensar que talvez aquela linda dama poderia estar me olhando, porque ali não iria conseguir vê-la caso estivesse em algum lugar com aquele olhar sedento e vermelho. Não demorou muito e logo fui ficando mais calmo. Apesar de ficar nervoso, todas as vezes que começava a tocar, parecia que meu corpo simplesmente entrava em transe e esquecia que existia medo, dor ou qualquer outra coisa que pudera me fazer perder a concentração.

Passado o tempo da apresentação, alguns outros artistas começaram a fazer o seu trabalho, afinal aquele palco não era apenas para minha suave canção.

Lembro que ao final, me levantei e fui sentar ao lado de meu pai para apreciar a noite e o restante daquela apresentação. Mas sem motivo aparente, meu pai se levantou e sem dizer uma só palavra saiu andando e estranhamente foi para porta do fundo; naquele momento pensei que ele apenas caminhava até o toalete. Mas para minha surpresa alguém sentara ao meu lado e meu corpo novamente ficara frio enquanto olhava a última apresentação da noite.

Aquela chuva que aumentara fez algumas pessoas irem embora mais cedo, o teatro já estava quase vazio e uma doce voz novamente disse olhando para público:

*¬ Um ano pra mim pode ser cem para você, mas se
aceitar e me der o que desejo mil anos se passará e
do mesmo jeito ficará.*

Olhei para ela assustado, me levantei e perguntei novamente:

*¬ Quem é você e o que deseja comigo? O que de
mim você tanto anseia?*

Ela olhou fixamente para meus olhos e como se fosse mágica me fez ver toda dor e vazio que ela carregava em sua alma, mas também um fleche do seu passado e dos anos que vivera. Assustado não conseguia me mover, tão pouco fazer qualquer que fosse outra pergunta; apenas senti em meu pescoço um leve e doce tocar de seus dentes. Mas ela simplesmente afastou e disse:

¬ Apesar do seu sangue quente que pulsa diante dos meus olhos, ainda não! Esta noite apenas quero que sinta o que te espera!

- Senhor Cristoffher, está tudo bem? Acorde! A apresentação acabou.

Esperado acordei com um dos senhores me dizendo que havia acabado a apresentação e que eu deveria partir. Olhei para um lado e para outro e nada de ver aquela senhorita que naquela altura realmente já me assustava.

Peguei meu chapéu e sai às pressas a procura de meu pai, pois não voltara.

As ruas já estavam vazias, a chuva aumentava, não havia mais ninguém, a não ser aqueles andarilhos que esquentavam suas mãos na fogueira em barris velhos, nos corredores escuros da cidade para se proteger do frio.

Entrei na velha charrete que me aguardava e fui em direção a minha residência. Chegando lá, meu pai já estava

dormindo. Caminhei até meu quarto, tranquei a porta, pensativo deitei lembrando daquela sensação de senti-la em minha alma, aquela força estranha e suas mãos na qual me segurava, tudo era anormal; mas logo adormeci!



¬ Apesar do seu sangue quente que pulsa diante dos meus olhos, ainda não! Esta noite apenas quero que sinta o que te espera!

Um doce convite